

# Leila Slimani

## Vejam como dançamos

Tradução de Tânia Ganho



*Ao Bounty, sem o qual nada seria possível*

## AS PERSONAGENS

**Mathilde Belhaj:** Nascida em 1926, na Alsácia, conhece Amine Belhaj em 1944, quando o regimento dele acantona na sua aldeia. Casam-se em 1945 e, um ano depois, Mathilde muda-se para Meknès, em Marrocos, para viver com Amine. Ao fim de três anos na casa da família dele na almedina, no âmago do bairro de Berrima, instalam-se numa quinta e Mathilde dá à luz uma menina, Aïcha, seguida de um menino, Selim. Enquanto o marido trabalha arduamente para transformar a quinta numa exploração próspera, ela abre um dispensário onde trata os trabalhadores rurais das redondezas. Desde a sua chegada a Marrocos, aprende árabe e berbere e, apesar das dificuldades e da sua oposição a determinadas tradições, em especial as que dizem respeito ao estatuto das mulheres, afeiçoa-se ao país.

**Amine Belhaj:** Nascido em 1917, filho de Kadour Belhaj, intérprete no exército colonial, e de Mouilala, Amine é o primogénito e torna-se chefe da família quando o pai morre, em 1939. Herda as terras de Kadour, mas, no dealbar da Segunda Guerra Mundial, decide alistar-se num regimento de sipaios. Juntamente com o seu ajudante de campo, Mourad, é preso num campo na Alemanha, de onde consegue fugir. Em 1944, conhece

Mathilde e casa-se com ela na igreja, na Alsácia, em 1945. Nos anos de 1950, estando Marrocos a atravessar um período de graves tumultos, dedica-se obstinadamente à quinta, onde sonha criar uma exploração de sucesso. Apaixonado por agronomia e pelas técnicas modernas, desenvolve novas variedades de citrinos e de oliveiras. Depois de anos de infortúnios, associa-se ao médico húngaro Dragan Palosi, o que lhe permite finalmente ter lucros.

**Aïcha Belhaj:** Nascida em 1947, Aïcha é filha de Mathilde e de Amine. Estuda no colégio de freiras, onde obtém excelentes resultados. Criança mística e indómita, é o orgulho dos pais.

**Selim Belhaj:** Nascido em 1951, Selim é filho de Mathilde e de Amine. Menino animado pela mãe, também ele estuda na escola colonial.

**Omar Belhaj:** Nascido em 1927, Omar é um dos irmãos de Amine. Durante a sua infância e adolescência, acalenta um misto de admiração e ódio pelo irmão mais velho. Recrimina-o em especial por se ter alistado no exército francês e por ser o favorito da mãe, Mouilala. Com uma personalidade violenta e impulsiva, aproxima-se dos nacionalistas durante o conflito mundial. Nos anos de 1950, o seu envolvimento é cada vez maior e organiza ações violentas no período que antecede a independência.

**Jalil Belhaj:** Nascido em 1932, Jalil é o mais jovem dos irmãos Belhaj. Afligido pela maldição que rodeia

a família de Mouilala, sofre de doença mental. Vive trancado no quarto e não consegue parar de se ver num espelho. Quando a mãe, enferma, se instala na quinta, Jalil é mandado para casa de um tio, em Ifrane. Como se recusa a comer, morre de fome em 1959.

**Mouilala Belhaj:** Nascida no início do século xx, Mouilala casa-se com Kadour Belhaj. Oriunda de uma família de classe média, não aprende a ler nem a escrever. Vários dos seus antepassados sofreram de doença mental e passeavam-se nus pelas ruas ou falavam com fantasmas. Dá à luz sete filhos, dos quais sobrevivem quatro: Amine, Omar, Jalil e Selma. Mãe terna e corajosa, tem uma verdadeira adoração pelo filho mais velho e admira a nora, Mathilde, pela sua liberdade e educação. Por volta de 1955, denota os primeiros sintomas de uma doença mental, no espectro da demência. Abandona, então, a sua casa de Ber-rima, na almedina de Meknès, e vive os seus últimos anos na quinta. Morre uns meses antes do filho Jalil, em 1959.

**Selma Belhaj:** Nascida em 1937, Selma é irmã de Amine, Omar e Jalil. Adorada pela mãe, a menina de beleza solar é constantemente vigiada pelos irmãos e violentada por Omar. Aluna indisciplinada, falta regularmente às aulas do secundário e, na primavera de 1955, conhece o jovem piloto Alain Crozières, de quem engravida. Para evitar o escândalo e a desonra, Amine casa-a com o seu antigo ajudante de campo, Mourad. Em 1956, ela dá à luz uma menina, Sabah.

**Mourad:** Nascido em 1920, Mourad é originário de uma aldeola a oitenta quilómetros de Meknès. Em 1939, é recrutado pelo exército e enviado para a frente de combate, onde se torna ajudante de campo de Amine, então oficial. Nutre pelo seu comandante sentimentos amorosos intensos e secretos e tem ciúmes de Mathilde. No fim da guerra, parte para a Indochina com os contingentes marroquinos. Repugnado com a violência, deserta e consegue regressar a Marrocos e reencontrar Amine. Contratado como capataz na propriedade Belhaj, exerce as suas funções com autoridade e é detestado pelos trabalhadores. Em 1955, casa-se com Selma.

**Monette Barte:** Nascida em 1946, Monette Barte é filha de Émile Barte, um piloto da base de Meknès. Aluna do colégio de freiras, aproxima-se de Aïcha quando são colegas. As duas meninas tornam-se melhores amigas e confidentes. O pai, Émile, morre em 1957.

**Tamo:** Filha de Ito e de *Ba* Miloud, dois trabalhadores que vivem no aduar perto da quinta, Tamo é contratada como empregada doméstica por Mathilde assim que chega à exploração. Embora a patroa alsaciana a trate com aspereza, Tamo acaba por conquistar um lugar no seio da família, para a qual trabalhará até ao fim da vida.

**Dragan Palosi:** Ginecologista húngaro de origem judia, refugia-se em Marrocos durante a guerra com a sua mulher, Corinne. Após uma má experiência numa clínica de Casablanca, decide instalar-se em Meknès,

onde abre um consultório. Em 1954, propõe uma parceria a Amine para exportarem laranjas com destino à Europa. Nutre por Mathilde amizade e admiração e ajuda-a quando ela se sente sem pé no seu dispensário. Toma Aïcha sob a sua alçada e, durante toda a escolaridade, ajuda-a a saciar a sua sede de conhecimento, oferecendo-lhe livros.

**Corinne Palosi:** Originária de Dunquerque, Corinne é casada com Dragan. Mulher de uma grande sensualidade, provoca o desejo dos homens e a desconfiança das mulheres. Sofre por não ter tido filhos e vive, em Meknès, numa certa solidão.

## PRIMEIRA PARTE

*A época não tem em conta o que sou,  
impõe-me o que lhe apetece impor-me.  
Permitam-me ignorar os factos.*

BORIS PASTERNAK



Mathilde estava à janela e observava o jardim. O seu jardim opulento e desregrado, quase grosseiro. A sua vingança contra a austeridade a que o marido a obrigava, em tudo. O dia acabara de se levantar e o sol, ainda tímido, infiltrava-se por entre a folhagem. Um jacarandá, cujas flores roxas ainda não tinham desabrochado. O velho chorão e os dois abacateiros que se vergavam sob o peso dos frutos que ninguém comia e que apodreciam na erva. O jardim estava mais belo do que nunca, naquela época do ano. Era o início do mês de abril de 1968 e Mathilde pensou que Amine não escolhera aquele momento ao acaso. As rosas, que ela mandara vir de Marraquexe, tinham aberto uns dias antes e, no jardim, pairava um odor fresco e suave. Aos pés das árvores, estendiam-se arbustos de agapanto, de dália, maciços de alfazema e de alecrim. Mathilde dizia que, ali, tudo brotava. Para as flores, aquela terra era abençoada.

Já lhe chegava o canto dos estorninhos e, saltitando na relva, avistou dois melros que picavam a terra com o seu bico laranja. Um deles tinha penas brancas na cabeça e Mathilde perguntou-se se os outros melros troçariam dele ou se, pelo contrário, isso faria daquele pássaro um ser à parte que os seus congéneres respeitavam. «Sabe-se lá», cogitou Mathilde, «como vivem os melros.»

Ouviu o barulho de um motor e a voz dos trabalhadores. No caminho que levava ao jardim, surgiu um monstro enorme e amarelo. Primeiro, viu o braço metálico e, na ponta desse braço, a gigantesca pá mecânica. O engenho era tão grande, que tinha dificuldade em passar entre os renques de oliveiras, e os trabalhadores gritavam indicações ao condutor da escavadora, que arrancava ramos à sua passagem. Finalmente, a máquina parou e voltou o sossego.

Aquele jardim fora o seu recesso, o seu refúgio, o seu orgulho. Brincara nele com os filhos. Eles tinham feito a sesta debaixo do chorão e piqueniques à sombra da seringueira do Brasil. Ela ensinou-lhes a procurar os animais que se ocultavam nas árvores e nos arbustos. A coruja e os morcegos, os camaleões que eles escondiam em caixas de cartão e, por vezes, deixavam morrer debaixo das camas. E, quando os filhos cresceram, quando se cansaram das suas brincadeiras e da sua meiguice, ela viera para aqui esquecer a solidão. Plantara, podara, semeara, transplantara. Aprendera a reconhecer, a cada hora do dia, o canto dos pássaros. Como podia ela, nesse momento, sonhar com caos e devastação? Desejar a destruição daquilo que amara?

Os trabalhadores entraram no jardim e plantaram estacas, de maneira a formar um retângulo de vinte metros por cinco. Tiveram cuidado ao deslocar-se, para não esmagarem as flores com as suas botas de borracha, e esse gesto, tocante mas inútil, comoveu Mathilde. Fizeram sinal ao condutor da escavadora, que deitou o cigarro pela janela e ligou o motor. Mathilde sobressaltou-se e fechou os olhos. Quando os reabriu, a enorme pinça metálica enterrava-se no solo. A mão de um gigante penetrava a terra negra e libertava um cheiro a musgo e húmus. Arrancava tudo à sua passagem e, ao fim de algumas horas, formou-se um monte

alto de terra e de rochas sobre o qual jaziam arbustos sem vida e flores decapitadas.

Aquela mão de ferro era a mão de Amine. Foi o que Mathilde pensou durante essa manhã que passou, imóvel, à janela da sala. Ficou espantada por o marido não ter querido assistir àquele espetáculo e ver cair, uma a uma, as plantas e as árvores. Ele afirmara que o buraco só podia ser ali. Que era preciso escavar ao pé da casa, na parte mais soalheira do terreno. Sim, ali, onde estava o lilás. Ali, onde, outrora, crescera a limãoranjeira<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Em *O país dos outros*, Amine enxertou um ramo de limoeiro numa laranjeira e Aïcha deu-lhe o nome «limãoranjeira». (*N. da T.*)

No princípio, ele dissera que não. Não, porque não tinham os meios. Porque a água era um bem escasso e precioso que não podiam usar a seu bel-prazer. Dissera que não, aos gritos, porque odiava a ideia de exhibir aquele espetáculo indecente perante os camponeses miseráveis. Que pensariam da educação que dava ao filho, da maneira como se comportava com a sua mulher, quando a vissem, seminua, a nadar numa piscina? Então, ele seria igual aos antigos colonos ou aos burgueses de hábitos decadentes que pululavam no país e alardeavam, sem pudor, o seu estrondoso sucesso.

Mas Mathilde não desistiu. Varreu as recusas dele para o canto. Ano após ano, voltou à carga. Todos os verões, quando soprava o vento de leste e o calor, esmagador, lhe dava cabo dos nervos, ela lançava aquela ideia da piscina que repugnava o marido. Achava que ele não podia compreender, porque não sabia nadar e tinha medo da água. Tornou-se doce, arrulhadora, suplicou-lhe. Não havia nada de vergonhoso em mostrarem o seu sucesso. Não faziam mal nenhum, tinham todo o direito de aproveitar a vida, logo eles que haviam sacrificado os seus melhores anos à guerra e, depois, à exploração da quinta. Ela queria aquela piscina, queria-a em compensação pelos seus sacrifícios, a sua solidão, a sua juventude perdida. Tinham mais

de quarenta anos agora e nada a provar a ninguém. Todos os agricultores dos arredores, ou pelo menos aqueles que viviam de forma moderna, dispunham de uma piscina. Preferia ele que ela fosse exibir-se na piscina municipal?

Lisonjeou-o. Elogiou-lhe os êxitos na investigação sobre as variedades de oliveiras e as exportações de citrinos. Julgou vergá-lo postando-se diante dele, com as faces rosadas e a arder, os cabelos colados às têmporas pelo suor, as barrigas das pernas cobertas de varizes. Lembrou-lhe que tudo o que tinham ganhado fora graças ao seu trabalho conjunto, à sua obstinação. E ele corrigiu-a: «Eu é que trabalhei. Eu é que decido como gastamos o dinheiro.»

Quando ele o disse, Mathilde não chorou nem perdeu as estribeiras. Sorriu para dentro, pensando em tudo o que fazia por ele, pela quinta, pelos trabalhadores de quem tratava. Pensando no tempo despendido a criar os filhos, a acompanhá-los às aulas de dança e de música, a supervisionar os trabalhos de casa. Anos antes, Amine confiara-lhe a contabilidade da quinta. Ela emitia as faturas, pagava os salários e os fornecedores. E por vezes, sim, por vezes falsificava as contas. Modificava uma linha, inventava um trabalhador adicional ou uma encomenda que nunca existira. E, numa gaveta cuja chave só ela tinha, escondia maços de notas que enrolava e prendia com um elástico bege. Fazia-o havia tanto tempo que já nem sentia vergonha, nem sequer medo de ser apanhada. A soma avolumava-se e ela achava que era uma comissão bem merecida, uma taxa que deduzia para compensar as suas humilhações. E para se vingar.

Mathilde envelhecera e seguramente por culpa dele, dele e não sua, parecia mais velha do que era. A pele do rosto, constantemente exposta ao sol e ao vento, parecia

mais grossa. A testa e os cantos da boca estavam cobertos de rugas. Até o verde dos seus olhos perdera o brilho, como um vestido usado demasiadas vezes. Engordara. Para provocar o marido, num dia de calor abrasador, pegou na mangueira do jardim e, debaixo do nariz da criada e dos trabalhadores, regou-se da cabeça aos pés. As roupas colaram-se-lhe ao corpo, deixando ver os mamilos eretos e o velo púbico. Nesse dia, os trabalhadores rezaram ao Senhor, passando a língua entre os dentes enegrecidos, para que Amine não enlouquecesse. Porque é que uma adulta faria uma coisa daquelas? É verdade, por vezes aspergiam as crianças, quando elas estavam à beira do desmaio, quando o sol ardente as fazia delirar. Diziam-lhes para fecharem bem o nariz e a boca, porque a água do poço provocava doenças e podia matar uma pessoa. Mathilde era como as crianças e, à semelhança delas, nunca se cansava de suplicar. Evocava a felicidade de outrora, as férias que passaram à beira-mar, na casinha de Dragan em Mehdia. Aliás, não mandara Dragan construir uma piscina na sua casa na cidade? «Porque é que a Corinne», disse ela, «havia de ter uma coisa e eu não?»

Convenceu-se de que foi esse argumento que levou Amine a render-se. Ela dissera-o com a crueldade e a confiança de um chantagista. Pensava que o marido tivera, ao longo de 1967, uma relação de alguns meses com Corinne. Estava segura disso sem, no entanto, ter detetado outros indícios que não um certo odor nas camisas dele, uma marca de batom: os indícios triviais e asquerosos que as donas de casa herdavam. Não, ela não tinha provas e ele nunca o confessara, mas saltava à vista, como se entre aquelas duas criaturas ardesse um fogo que seria de curta duração, mas que era preciso aguentar. Mathilde tentara

uma vez, de forma desajeitada, abrir-se com Dragan. Mas o médico, que o tempo tornara ainda mais bonacheirão e filosófico, fingiu não perceber. Recusou-se a tomar o partido dela, a rebaixar-se ao nível dessas mesquinhezes e a travar, junto da ardente Mathilde, uma guerra que ele considerava inútil. Mathilde nunca soube quanto tempo Amine passara nos braços daquela mulher. Ignorava se era de amor que se tratava, se eles tinham trocado palavras ternas ou se, pelo contrário — e isso talvez fosse ainda pior — tinham vivido uma paixão silenciosa e física.

Com a idade, Amine tornara-se ainda mais bonito. As suas têmeoras encaneceram e ele deixara crescer um bigode fino, grisalho, que lhe dava umas parecenças com Omar Sharif. Tal como as estrelas de cinema, usava óculos de sol que quase nunca tirava. Mas não era só o seu rosto bronzeado, a sua queixada quadrada, os seus dentes brancos que ele revelava das raras vezes em que sorria, não era só isso que o tornava belo. A idade permitira-lhe desfraldar a sua virilidade. Os seus gestos tinham-se soltado, a voz tornado mais profunda. Agora, a sua rigidez parecia contenção, o seu ar grave dava a impressão de ele ser um daqueles animais selvagens encalhados na areia, aparentemente impassíveis, que de um salto aterram sobre as presas. Não estava totalmente ciente da sedução que exercia, descobria-a aos poucos, à medida que ela se desenrolava, como se lhe fosse externa. E nessa quase surpresa que ele sentia ante si próprio encontrava-se, sem dúvida, a explicação do seu sucesso junto das mulheres.

Amine adquirira confiança e enriquecera. Já não passava as noites em branco, de olhos fixos no teto a calcular as suas dívidas. Já não sonhava com a ruína iminente, com a decadência dos filhos, nem com a humilhação

de que seriam vítimas. Amine dormia. Os pesadelos tinham-no abandonado e, na cidade, ele tornara-se uma figura respeitada. Agora, eram convidados para festas, as pessoas queriam conhecê-los, privar com eles. Em 1965, propuseram-lhes que se tornassem sócios do Rotary Club e Mathilde soube que não era por si, mas pelo marido, e que as esposas tinham tido alguma coisa que ver com a proposta. Amine, apesar de taciturno, atraía todas as solitudes. As mulheres convidavam-no para dançar, encostavam a face à dele, puxavam-lhe a mão para as ancas e, mesmo não sabendo ele o que dizer, mesmo não sabendo ele dançar, chegava a pensar que aquela vida era possível, uma vida tão leve como o champanhe cujo cheiro sentia no hálito delas. Durante as festas, Mathilde detestava-se. Sentia que falava demasiado, bebia demasiado, e passava os dias seguintes a arrepender-se do seu comportamento. Imaginava que a julgavam, que a consideravam estúpida e inútil, desprezível por fechar os olhos às infidelidades do marido.

Se os membros do Rotary insistiram, se se mostraram tão benevolentes, tão atenciosos em relação a Amine, foi também por ele ser marroquino e o clube querer provar, angariando sócios árabes, que o tempo da colonização, o tempo das vidas paralelas, acabara. Era verdade que muitos tinham abandonado o país durante o outono de 1956, quando a multidão enraivecida invadira as ruas e dera rédea solta à loucura sanguinária. A fábrica de tijolaria fora incendiada, homens assassinados em plena rua, e os estrangeiros perceberam que já não estavam em casa. Alguns fizeram as malas, abandonando apartamentos cujos móveis ganharam pó, até serem comprados por famílias marroquinas. Os proprietários renunciaram às suas terras



e aos anos e anos de trabalho que lhes tinham dedicado. Amine perguntava-se se os que regressaram ao respetivo país seriam os mais medrosos ou os mais lúcidos. Mas essa vaga de partidas foi um mero parêntese. Um reequilibrar antes de a vida retomar o seu curso normal. Dez anos após a independência, Mathilde tinha de admitir que Meknès não mudara assim tanto. Ninguém conhecia o novo nome das ruas, o nome árabe, e as pessoas continuavam a marcar encontro na avenida Paul-Doumer ou na rue de Rennes, à frente da farmácia de Monsieur André. O notário ficara, mas também a capelista, o cabeleireiro e a mulher dele, os donos da loja de pronto a vestir da avenida, o dentista, os médicos. Todos queriam continuar a desfrutar, porventura com mais discrição, com mais comedimento, das alegrias daquela cidade florida e coquete. Não, não houve uma revolução, apenas uma mudança no ambiente, um certo recato, uma ilusão de concórdia e igualdade. Durante os jantares do Rotary, nas mesas em que se misturavam os burgueses marroquinos e os membros da comunidade europeia, parecia que a colonização não passara de um mal-entendido, um erro do qual os franceses se arrependiam e que os marroquinos fingiam esquecer. Alguns faziam questão de o dizer, nunca tinham sido racistas e aquela história toda incomodara-os profundamente. Juravam que se sentiam aliviados agora, que as coisas eram claras e que respiravam melhor, também eles, desde que a cidade rejeitara os maus elementos. Os estrangeiros mostravam-se cuidadosos com o que diziam. Se não haviam partido, era para não precipitarem a ruína de um país que precisava deles. Claro que, um dia, cederiam o lugar, ir-se-iam embora, e o farmacêutico, o dentista, o médico ou o notário seriam marroquinos. Mas, até lá, permaneciam e faziam-se úteis.

E, além disso, não eram assim tão diferentes dos marroquinos sentados às suas mesas. Aqueles homens elegantes e abertos, aqueles coronéis ou altos funcionários cujas mulheres arvoravam vestidos ocidentais e cabelos curtos. Não, não eram assim tão diferentes daqueles burgueses que, sem culpa, sem pensar duas vezes, deixavam que crianças descalças lhes carregassem as compras diante do mercado central. Que se recusavam a ceder às súplicas dos mendigos, «porque são como os cães a quem damos comida por baixo da mesa. Habitua-se e perdem a pouca vontade que têm de trabalhar e de se esforçar». Os franceses nunca se teriam atrevido a dizer que aquela propensão do povo para mendigar e se queixar era aflitiva. Nunca teriam ousado, como faziam os marroquinos, apontar o dedo à desonestidade das criadas, à preguiça dos jardineiros, ao atraso do homem comum. E riam-se, ligeiramente alto demais, quando os seus amigos de Meknès desesperavam por construir, um dia, um país moderno com uma população de analfabetos. Esses marroquinos, no fundo, eram como eles. Falavam a mesma língua, viam o mundo da mesma maneira, e era difícil acreditar que, um dia, não tivessem pertencido ao mesmo campo e se tivessem considerado inimigos.

Amine, a princípio, mostrou-se desconfiado. «Viraram a casaca», dizia ele a Mathilde. «Antes, eu era o rato, o norte-africano, e agora tenho direito a *senhor Belhaj* a torto e a direito.» Mathilde percebeu que ele tinha razão, uma noite, durante um jantar dançante na fazenda. Monique, a mulher do cabeleireiro, bebera demasiado e, a meio de uma conversa, soltou a palavra «mouro». Levou as mãos aos lábios, como se quisesse meter a palavra maldita para dentro da boca, e lançou um longo «oh», de olhos semi-cerrados, faces carmesins. Ninguém, a não ser Mathilde,

a ouvira, mas Monique não parava de pedir desculpas. Repetia: «A sério, não era isso que eu queria dizer. Não sei o que me passou pela cabeça.»

**Da autora que venceu o Prémio Goncourt e conquistou milhões de leitores em todo o mundo, eis o muito aguardado segundo volume da saga familiar *O país dos outros*.**

«Mathilde envelhecera [...]. A pele do rosto, constantemente exposta ao sol e ao vento, parecia mais grossa. A testa e os cantos da boca estavam cobertos de rugas. Até o verde dos seus olhos perdera o brilho, como um vestido usado demasiadas vezes. Engordara. Para provocar o marido, num dia de calor abrasador, pegou na mangueira do jardim e, debaixo do nariz da criada e dos trabalhadores, regou-se da cabeça aos pés. As roupas colaram-se-lhe ao corpo, deixando ver os mamilos eretos e o velo púbico. Nesse dia, os trabalhadores rezaram ao Senhor, passando a língua entre os dentes enegrecidos, para que Amine não enlouquecesse.»

1968, Marrocos: Mathilde, alsaciana, e Amine, oficial do Exército marroquino, são um casal com uma longa história atrás de si e um incerto futuro pela frente, à imagem do país onde vivem. Esta é a história de uma família hesitante entre a tradição e a modernidade, protagonizada por uma mulher enredada entre duas culturas, sufocada pelo conservadorismo do país onde escolheu viver e dividida entre a dedicação à família e o amor à liberdade. É também a história de um país que acabou de conquistar a independência e que procura o seu lugar, entre o espartilho religioso e o fascínio pelo Ocidente, entre a repressão e o hedonismo.




Leïla Slimani, uma das vozes mais importantes da literatura francesa, regressa à história da própria família para construir um romance cheio de personagens inesquecíveis e imagens fortes. Retratando um tempo e um lugar em que ressoam os ecos do Maio de 68 e as mulheres encetam o pedregoso caminho da emancipação, a escritora reafirma a sua impressionante destreza narrativa e o olhar clínico sobre a intimidade.



**«Uma impressionante epopeia, tão política quanto humana, que se debruça sobre os tormentos de uma ex-colónia francesa largada à sua sorte e onde cada um tenta encontrar o seu lugar, numa sociedade que oscila entre a decomposição e a recomposição.» *Libération***



Penguin  
 Random House  
 Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
 penguinlivros  
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897847158



9 789897 847158 >